

Curitiba, quinta-feira, 27 de fevereiro de 1992

Gazeta do Povo - 6ª página

Socorro: crianças

Margareth Zanardini

Gritos ecoam no ar.

De um lado as crianças abandonadas sofrem as penas desta situação: a fome, o desamor, a falta de tudo, de teto, de lar, de adultos que as orientem, clamam por atenção. Organizam-se os Meninos de Rua pedindo amparo.

De outro, este em função do primeiro, cidadãos se intimidam diante da violência perpetrada pelos menores que, sem qualquer referencial, valores ou parâmetros invadem a privacidade, incolumidade física, patrimônio, segurança e sossego dos demais. O alarido destas vítimas se faz sentir das mais variadas formas. Filhos de ninguém agredem a todos.

Igualmente ouve-se o vagido dos bebês -- mercadorias valiosas cotadas em dólar -- a serem exportadas, vendidas como animais de estimação ou para experiências científicas macabras.

O assunto inundou ainda mais os meios de comunicação, em especial os do Paraná nos últimos dias. Comemorando o aniversário da Fundação da Anistia Internacional realizou-se em Curitiba o 1º Fórum Anistia para as Crianças em fins de janeiro. A OAB-PR criou uma comissão encarregada de estudar o problema do menor, sugerir soluções e reivindicar das autoridades a aplicação do Estatuto (mais uma lei difícil de se adequar à realidade).

Muitos destes problemas poderiam já ter sido evitados por uma melhor planificação governamental no que diz respeito à família. Não se trata da atitude simplista e equivocadamente criticada pelos insensíveis de querer acabar com a miséria extinguindo os pobres, mas sim de sermos racionais. Um efetivo respeito à dignidade humana com os recursos estabelecidos no parágrafo 7º do art. 226 da Constituição Federal.

De onde procede esta horda de crianças de tudo desprovidas? O que fazer com elas? E, principalmente, que atitude solicitar do governo para evitar que o mal se alastre com a multiplicação de crianças em estado de abandono? Não estaria a parte final do mencionado parágrafo a merecer modificação quando proíbe a intervenção do Estado já que a paternidade responsável é utopia comprovada?

Por que continuar com a hipócrita atitude de condenar o controle de natalidade, por que criticar médicos que fazem esterilizações em mulheres multiparas sem meios de sobrevivência própria a não ser em homenagem à falta de bom senso?

Ora, se encontramos em recente pesquisa feita em Recife elaborada pelo Centro Brasileiro da Criança e do Adolescente talvez a mais chocante notícia com que nos deparamos nos últimos tempos: lá, quase metade das meninas de rua de 6 a 20 anos vivem da prostituição, sendo em percentuais de 35,96% as da faixa etária de 12 a 16 anos. 15,57%, de 6 a 11 anos e pasmem todos 2,17% as menores de 6 anos! Meu Deus o que faz a penúria destas crianças! O que faz a miséria espiritual dos carrascos que se dizem "clientes" deste meretrício. Quem serão eles? E que dizer da escravidão de menores vendidas com pla-

cas anexadas às costas? Um SOS é mais que urgente. Esta situação indica precisar de um grupo abolicionista, de uma Lei Áurea.

A nível de Paraná desconhecemos pesquisa neste sentido mas sabemos de fatos assemelhados de infantes indigentes na mesma deplo-rável e torpe sujeição.

Também as informações do crescente número de gestantes adolescentes são assustadores e aqui também a falta de informação e recursos traz a consequência funesta.

Outrossim, cumpre notar a necessidade premente de se estabelecer uma real fiscalização do acesso de crianças à pornografia bem como a utilização das mesmas na produção deste cancro moral. Há poucos dias soubemos do novo modismo consistente este em crianças que possuem videocassete reunirem-se na ausência dos pais para assistir a filmes desta natureza para depois imitá-los (!!). Não seria o caso de uma investigação na s videolocadoras?

Crianças abandonadas pedem socorro à sociedade. Muitos setores desta tentam se defender da agressividade dos menores. Filhos de classe média se depravam dando um grito de liberdade sexual precoce, prematuramente pervertidos e assimilando, tal qual os carentes, a expressão de amor como exploração degradante e corrompida.

O excesso de liberdade e psicologismos está pontificando uma geração mal educada e desrespeitosa a valores e pessoas.

Surpreendentemente ainda existem os que incitam a população a "ter muitos filhos" parecendo desconhecer a caótica situação nacional, seja dos menos favorecidos, seja dos casais que necessitam trabalhar para dar um padrão razoável de vida aos descendentes.

Por que não ouvir a clamorosa e insistente voz do nosso Emir Caluf que há anos luta contra os segmentos ortodoxos no sentido de exigir existência mais digna e portanto qualitativa para o ser humano?

Já nos fins da década de 70 em monografia intitulada Demografia e Criminalidade concluíamos a necessidade imperiosa de um controle de natalidade no Brasil. Nada se fez. O pseudomoralismo imperou. Os interessados no aumento da miséria abstiveram-se. Eufemicamente utilizaram-se de programas de nomenclatura abstrata porque é pecado evitar nascimentos. O que dizem agora das milhões de crianças abandonadas, violentas, prostituídas? Qual é a crueldade maior?

O grito de socorro dos anos 90 há de ser ouvido não apenas numa tentativa de encontrar melhores caminhos para as crianças que aí estão mas para que providências a longo prazo sejam um brado que ecoe nas próximas décadas sensibilizando os até agora surdos-mudos, deficientes (ir)responsáveis que, podendo fazer algo, se omitem temerosos de melindrar uma ou outra facção.

Que a vida passe a ser realmente dádiva em forma de melodiosa música e não pesado fardo de lúgubres sons.

(Margareth Zanardini, advogada)